

O Estado de S. Paulo

16/8/1994

Onde sangra o corte da cana crua

VIDOR JORGE FAITA

Há alguns anos, temos ouvido de ambientalistas, autoridades e até mesmo de sindicalistas uma defesa apaixonada do corte de cana em palha, sem a utilização da queima. A justificativa dessas pessoas tem sido sempre a mesma: com essa medida o meio ambiente estaria sendo defendido e novos empregos seriam gerados no meio rural.

No entanto nós, trabalhadores rurais, principais interessados no assunto, jamais fomos levados a sério quando emitimos nossa opinião a respeito. E nossa opinião não é técnica ou teórica: para isso existem órgãos competentes. Nossa contribuição para esse debate está baseada na prática de quem todo o dia pega o ônibus de madrugada e volta à noitinha, cansado, mas com a certeza de ter ganho o salário de forma honrada e merecida.

A questão que se coloca, envolvendo uma grande parte da sociedade brasileira, é a seguinte: o corte de cana em palha (sem queima) é possível? Sim, é perfeitamente possível e não é novidade alguma. Nos anos 60 cortava-se quase toda a cana sem queimar. Mas só um trabalhador rural pode avaliar o quanto a queima da cana veio facilitar esse trabalho. Os acidentes diminuíram em número considerável porque aumentou bastante, por exemplo, a visibilidade do cortador em relação ao seu ambiente de trabalho.

Mas esse não é o principal problema, que poderia ser superado com o uso de equipamentos adequados como camisas e calças impermeáveis, botas até a altura dos joelhos e uma espécie de escafandro (igual ao usado pelos mergulhadores). Vestido assim, o cortador estaria protegido de todos os perigos existentes no corte da cana em palha.

Restaria a dúvida se o trabalhador conseguiria executar suas tarefas com toda essa parafernália. Entendemos que isso pode acontecer quando o homem desenvolver tecnologias adequadas, lá pelo ano 2.100.

Mesmo que a etapa anterior seja vencida num prazo mais curto, seria preciso estudar o que fazer com o salário do trabalhador. Sim, porque essas condições de trabalho a produção do cortador de cana deve cair, na melhor das hipóteses, para um quarto da produção obtida com a cana queimada. Para se ter uma idéia do que isso significa, basta dizer que o trabalhador que hoje corta seis toneladas de cana queimada passaria a cortar uma tonelada e meia de cana em palha. Assim, para não ter nenhuma perda, seu salário teria que ser elevado em 300%.

Além dos riscos de feridas físicas, o corte da cana crua pode fazer sangrar a economia. Como diz o ditado popular, "do couro, sai a correia", e isto quer dizer que tudo seria repassado para o produto final, no caso, o álcool ou o açúcar. Para nós, trabalhadores rurais, seria fácil e cômodo dizer que se trata de um problema dos usineiros. Mas nós sabemos que isso acaba voltando na nossa cabeça de consumidor, pois ninguém trabalha com prejuízo.

A verdade é que quando se propõe modificar um sistema de trabalho, essa mudança precisa ser avaliada sob todos os aspectos para que não ocorra um prejuízo da sociedade, como nos parece o caso da proposta de corte de cana em palha. Para cortar a cana sem queimar os usineiros estariam sendo forçados a apressar a mecanização do corte e aí o tiro sairia pela culatra. Em vez de gerarmos mais trabalho estaríamos promovendo o enxugamento nos 500 mil empregos só em corte de cana, no Estado de São Paulo, na medida em que a máquina substitui muitos cortadores.

E aí, mais uma questão se coloca: o meio rural e os centros urbanos estão preparados para absorver a mão-de-obra que vai sobrar? Creio que não, apesar que num primeiro momento os trabalhadores rurais de São Paulo não seriam atingidos. Quem sofreria os impactos dessa diminuição de empregos seriam os migrantes de outros Estados, que não mais seriam procurados pelos usineiros.

Como é possível perceber, trata-se de uma questão complexa. Não dá para embarcar em soluções simplistas que não enxergam o problema como um todo. É preciso ter calma ao se adotar qualquer mudança no sistema do corte de cana pois corremos o risco de, na tentativa de cobrir um santo, descobrirmos outros. E esses outros, no caso, são milhares de trabalhadores que dependem da cana queimada para sobreviver.

- Vitor Jorge Fanta é presidente da Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de São Paulo (Fetaesp)

É preciso ter calma ao se adotar qualquer mudança no sistema

(Página B2 — ECONOMIA)